

SEMINÁRIO MUNDOS INDÍGENAS



Design: Tiago Ribeiro



ÁMÉRICA
E ÁFRICA
SÉCULOS
XV A XIX

27 e 28
de Abril de 2015

Centro de História
d' Aquém e d' Além-Mar
Sala Multiusos 2 (piso 4),
Edifício ID, FCSH/NOVA
Av. de Berna, 26 Lisboa



Apoio: **FCT**
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

PROGRAMA

Dia 27 de Abril (segunda-feira)

9h30 | Abertura

João Luís Lisboa (CHAM/FCSH/UNL/UAç)
Roberta Stumpf (CHAM/FCSH/UNL/UAç)

1ª SESSÃO

REFLECTINDO AS HISTÓRIAS INDÍGENAS: DISCUSSÃO
TEÓRICO-METODOLÓGICA

MODERADOR: ÂNGELA DOMINGUES (IICT E CHAM/FCSH/UNL/UAç)

10h00 | Povos indígenas na História e na Historiografia do Brasil: renovação e ressignificação dos aportes teórico-metodológicos e documentais - Juciene Apolinário (UFCG)

10h30 | Os Índios na História: a problemática das fontes em perspectiva interdisciplinar- Maria Regina Celestino de Almeida (UFF)

11h00 | Café

11h.30 | Xamanismo e Revolta: Botocudos e Catequese nos Sertões do Leste (1850-1911) - Izabel Missagia de Mattos (UFRRJ)

12h.00 | Descodificando uma fonte privilegiada para a história das religiões da Guiné do Cabo Verde: a Descrição de Valentim Fernandes, escrita de permanência - José da Silva Horta (FL/UL)

12h.30 | debate

2ª SESSÃO

REVISITANDO A HISTÓRIA DE ÁFRICA
MODERADOR: JOSÉ DA SILVA HORTA (FL/UL)

14.30 | “Diálogo de surdos”? Encontros e desencontros na costa central africana, sécs. XV-XVIII - Carlos Almeida (IICT)

15.00 | Entre ‘dois mundos’: o quotidiano nas ilhas de Brava e do Fogo no final do século XVIII e início do século XIX. Visões dos europeus sobre a vida em Cabo Verde - Maria Manuel Torrão (IICT)

15.30 | Mulheres e poder político nas sociedades pré-coloniais da África Oriental - Eugénia Rodrigues (IICT)

16h00 | debate

16.30 | Café

17h00 | CONFERÊNCIA: La memoria de los cerros: tradición y modernidad en el pensamiento indígena andino del Siglo XVI. Don Phelipe Guaman Poma de Ayala JUAN MARCHENA FERNANDEZ (UPO)
APRESENTAÇÃO DO CONFERENCISTA: ALEXANDRA PELÚCIA (CHAM/FCSH/UNL/UAç)

Dia 28 de Abril (terça-feira)

3ª SESSÃO

HISTÓRIAS INDÍGENAS: PRÁTICAS POLÍTICAS, CULTURAIS E
RELAÇÕES INTER-ÉTNICAS

MODERADOR: ROBERTA STUMPF (CHAM/FCSH/UNL/UAç)

10h00 | Etnia, legislação e desigualdade na Amazônia Colonial - Patrícia Maria de Melo Sampaio (UFAM)

10h30 | Relações luso-espanholas com os tupi-guaranis no sul da América: comércio, amor e escravidão em meados do século XVI - Elisa Fruhauf Garcia (UFF)

11h00 | Poder local e auto governo dos índios. Vila Nova de Benavente, capitania do Espírito Santo, 1795-1798 - Vânia Moreira Lousada (UFRRJ)

11h30 | Café

12h.00 | Criminosos e malfeitores: intermediários na Amazônia em meados de setecentos - Ângela Domingues (IICT e CHAM/FCSH/UNL/UAç)

12h.30 | debate

4ª SESSÃO

HISTÓRIAS INDÍGENAS: PRÁTICAS POLÍTICAS, CULTURAIS E RELAÇÕES INTER-ÉTNICAS (CONT.)

MODERADOR: JUCIENE APOLINÁRIO (UFCG)

14h00 | La concepción del espacio y el desarrollo arquitectónico de las sociedades indígenas en la Sierra Nevada de Santa Marta, actual Colombia. Siglos X al XVII - Naybe Gutiérrez Montoya (UPO)

14h30 | Conflitos por terra e poder entre índios e mestiços no sul da capitania do Rio de Janeiro, século XVIII-XIX - Carmen Alveal (UFRN)

15h00 | Debate

15h30 | Café

16h00 | LANÇAMENTO DO SEMINÁRIO PERMANENTE DE HISTÓRIA INDÍGENA (INICIATIVA CHAM/FCSH/UNL/UAç; IICT; UFCG; UPO)

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

As presenças e atuações dos povos indígenas nos territórios americano e africano na condição de sujeitos históricos plenos têm-se tornado cada vez mais evidentes nas investigações históricas da contemporaneidade. O diálogo crescente entre pressupostos teóricos e conceituais da História, Antropologia, Linguística, entre outras ciências humanas, desdobra-se em pesquisas colaborativas, através das quais se evidenciam as agências de homens e mulheres indígenas em que são destacadas as suas próprias dinâmicas sociais e étnicas diante do processo de contatos com os europeus. As tradições e cosmologias dos povos denominados “índios” e/ou “gentios” da América e África entre os séculos XV e XIX, assim como as suas organizações sociais, práticas culturais e políticas, compõem um painel complexo de mudanças e continuidades que influenciaram significativamente os direcionamentos políticos e jurídicos das monarquias ibéricas no Antigo Regime.

Entidades organizadoras:

Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar
Instituto de Investigação Científica Tropical
Universidade Federal de Campina Grande
Universidad Pablo de Olavide

Comissão Organizadora

Roberta Stumpf (CHAM/FCSH/UNL/UAç)
Juciene Apolinário (UFCG)
Ângela Domingues (IICT E CHAM/FCSH/UNL/UAç)

Comissão Científica

Regina Celestino de Almeida (UFF)
Mary Karash (OU)
Fatima Martins Lopes (UFRN)
Juan Marchena Fernandez (UPO)
Ângela Domingues (IICT E CHAM/FCSH/UNL/UAç)
Juciene Apolinário (UFCG)
Patricia Melo Sampaio (UFAM)

Ângela Domingues (Instituto de Investigação Científica Tropical e Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar/ FCSH/UNL/UAç)

Criminosos e malfeitores: intermediários na Amazônia em meados de setecentos

O que ocorreu no Norte brasileiro, em meados de setecentos, para que os intermediários, de tolerados e úteis à sociedade colonial paraense, passassem a ser considerados como «régulos despóticos» cujo comportamento prepotente importava perseguir e punir? A partir desta pergunta, tentaremos perceber quem eram os intermediários e qual a função que desempenharam na sociedade colonial amazônica. Procuraremos também analisar as políticas que o Estado Português implantou nesta região a partir da chegada de Francisco Xavier de Mendonça Furtado e quais as consequências que estas medidas tiveram nestes indivíduos.

Carlos Almeida (Instituto de Investigação Científica Tropical)

“Diálogo de surdos”? Encontros e desencontros na costa central africana, Sécs. XV-XVIII

Propõe-se uma abordagem dos processos de relacionamento cultural entre africanos e europeus na região central do continente africano que, distanciando-se de uma visão teleológica, procure valorizar, na devida medida, as dinâmicas históricas e sociais e os sistemas cosmológicos africanos, da mesma forma que os objetivos e as visões do mundo que orientam a presença europeia nesses espaços. É do confronto entre imagens e discursos, cada um deles obedecendo a lógicas diferentes, e respondendo a desafios sociais distintos, que nasce um espaço comunicativo que, sendo partilhado, é vivido de modos bem diversos por cada um dos seus protagonistas.

Carmen Alveal (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Conflitos por terra e poder entre índios e mestiços no sul da capitania do Rio de Janeiro, século XVIII-XIX

Este artigo trata de um conflito pela posse da terra na região de Mangaratiba, na capitania do Rio de Janeiro durante o final do século XVIII. Os maiores agentes dos conflitos foram os próprios índios, indicando que a luta pela terra não era apenas entre índios e brancos, ou somente entre brancos. Os processos judiciais pela posse da terra envolvendo índios revelam uma luta interna pelo poder no antigo aldeamento indígena de Mangaratiba. Para o propósito desta pesquisa, as fontes utilizadas foram processos judiciais julgados pela corte de apelação do Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, guardados no Arquivo Nacional.

Elisa Frúhauf Garcia (Universidade Federal Fluminense; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES; Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Relações luso-espanholas com os tupi-guaranis no sul da América: comércio, amor e escravidão em meados do século XVI

Em meados do século XVI, portugueses e espanhóis, assentados principalmente em São Vicente e Assunção, já haviam estabelecido relações próximas com os tupis-guaranis que habitavam o sul da América. Tais relações embasavam a principal atividade

econômica de então: o tráfico de escravos, que abastecia não apenas as incipientes demandas americanas, mas também os mercados europeus. A comunicação pretende analisar os elementos que articulavam os tratos dos ibéricos com os índios, com ênfase no papel das mulheres indígenas.

Eugénia Rodrigues (Centro de História, Instituto de Investigação Científica Tropical)
Mulheres e poder político nas sociedades pré-coloniais da África Oriental

A investigação recente sobre a história de África tem revelado padrões de autoridade política das mulheres nas sociedades pré-coloniais. No caso dos Estados da África Oriental localizados em torno do rio Zambeze, foram, igualmente, evidenciadas formas, ainda pouco conhecidas, de participação de mulheres no poder público em alguns reinos[?] ou impérios[?], em que as figuras centrais da estrutura do estado eram masculinas. Esta comunicação analisa o papel das mulheres das linhagens governantes enquanto actores políticos, evidenciando a sua incorporação nas estruturas do poder central desses estados e na liderança de pequenas chefaturas, entre os séculos XVI e XIX.

Izabel Missagia de Mattos (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Xamanismo e Revolta: Botocudos e Catequese nos Sertões do Leste (1850-1911)

Ao longo dos Setecentos e Oitocentos, os chamados “Sertões do Leste” da Província de Minas eram considerados “infestados” pela presença numerosa de populações indígenas e figurados como antítese do espaço “cristão” e “civilizado”. A composição étnica ao longo dos Oitocentos naquela região pode ser caracterizada por sua imensa variedade e intenso dinamismo e examinada tanto à luz da competição de projetos civilizacionais relacionados à formação da nação brasileira, quanto relativamente às dificuldades e conflitos observados nas relações entre povos nativos e adventícios. O estudo da experiência histórica das missões dos capuchinhos entre os Botocudos de Itambacuri, Minas Gerais, nos propicia conhecer como as categorias oriundas de diferentes universos - sejam indígenas, estatais ou religiosos -, se articularam por meio de um discurso unívoco, a saber, o da edificação de uma obra de “civilização e salvação” dos indígenas e da nação brasileira em formação.

José da Silva Horta (Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)
Descodificando uma fonte privilegiada para a história das religiões da Guiné do Cabo Verde: a Descrição de Valentim Fernandes, escrita de permanência.

A Guiné do Cabo Verde foi a primeira região da África Atlântica em que decorreu um contacto directo e continuado entre o cristianismo e as religiões africanas indígenas. Se a evidência documental deste contacto remonta às navegações de meados do século XV e resultantes escritas de viagem, a construção de um saber cristão sobre essas religiões consolida-se, sobretudo, a partir do último quartel do século XV, quando comerciantes portugueses começam a residir na Guiné. A Descrição de Valentim Fernandes de c. 1507 usufruiu dessas presenças e constitui uma fonte privilegiada que importa descodificar.

Juciene Ricarte Apolinário (Universidade Federal de Campina Grande)
Povos indígenas na História e na Historiografia do Brasil: renovação e ressignificação dos aportes teórico-metodológicos e documentais

A história indígena no Brasil passou para o primeiro plano do interesse dos historiadores mais especificamente nos anos de 1980. O tema em si não era novo, mas costumava aparecer nas monografias na forma de um capítulo específico, a saber, o contato com a sociedade dos brancos que a rigor teria trazido a história para um lugar onde ela não se encontrava previamente. Até muito recentemente, os índios eram invisibilizados em nossa historiografia e era-lhes negado qualquer protagonismo nas relações construídas desde os primeiros contatos com os colonizadores na América Portuguesa. Já no século XIX afirmava-se que para indígenas não havia história mas apenas etnografia. Uma outra explicação era que não eram necessários estudos históricos sobre grupos humanos que estavam fadados a desaparecer e se diluir na sociedade nacional. Não obstante, nas últimas décadas, os povos indígenas tiveram um aumento considerável no crescimento populacional, decepcionando os que profetizavam a plena extinção. Paralelamente, ocorre um revisionismo na história indígena, em que se constroem no meio acadêmico importantes mudanças teórico-metodológicas e interdisciplinares em que a história e antropologia passam a estreitar seus laços investigativos, associadas às pesquisas qualitativas de base documental de diferentes espécies e suportes, proporcionando uma inovação na operação historiográfica sobre os índios na história do Brasil.

Maria Manuel Torrão (Centro de História, Instituto de Investigação Científica Tropical)
Entre ‘dois mundos’: o quotidiano nas ilhas de Brava e do Fogo no final do século XVIII e início do século XIX. Visões dos europeus sobre a vida em Cabo Verde.

As ilhas de Cabo Verde foram encontradas desertas à época da sua descoberta pelo que a sua posterior colonização com povoadores europeus, particularmente reinóis, e com escravos africanos, conduziu a que a sociedade cabo-verdiana crescesse e se desenvolvesse a partir de uma profunda interação entre estas duas culturas e pelas suas respetivas concepções do mundo que as envolvia. Partindo das visões registadas por portugueses que visitaram ou viveram nas ilhas de Cabo Verde no final do século XVIII e no século XIX, pretende-se divulgar a forma como a realidade material e imaterial local era vivida pelos autóctones e o modo como era apreendida pelos forasteiros deste espaço insular.

Maria Regina Celestino de Almeida (Universidade Federal Fluminense)
Os Índios na História: a problemática das fontes em perspectiva interdisciplinar

A análise histórico-antropológica de fontes históricas sobre índios revela sua presença e atuação em sociedades coloniais e pós-coloniais como sujeitos históricos. Essa comunicação visa refletir sobre os limites e possibilidades dessas análises interdisciplinares, problematizando as inúmeras contradições encontradas nas fontes, sobretudo quanto à classificação dos índios nas categorias de “mansos” e selvagens e de “índios” e “mestiços”. Considerando cultura e identidade como produtos históricos

e os diferentes significados que as ações e escolhas de grupos e sujeitos étnicos e sociais distintos podem comportar, pretende-se refletir sobre os possíveis interesses que os impulsionavam tanto em classificar quanto em ser classificado.

Nayibe Gutierrez Montoya (Universidad Pablo de Olavide)

La concepción del espacio y el desarrollo arquitectónico de las sociedades indígenas en la Sierra Nevada de Santa Marta, actual Colombia. Siglos XI al XVI.

La Sierra Nevada de Santa Marta, en la costa caribe colombiana, albergó entre los siglos X y XVI un conjunto de sociedades complejas que desarrollaron y pusieron en práctica diversas estrategias de ocupación del territorio, las que les permitieron aprovechar una gran variedad de nichos ecológicos, posibilitándoles el acceso a una mayor cantidad y multiplicidad de productos. Así fue posible el crecimiento y consolidación de importantes centros de población que constituyen un complejo sistema espacial compuesto por aproximadamente 250 sitios extendidos entre la costa y los 1300 m., y conectados por un sofisticado sistema de transporte y comunicación.

Patrícia Maria Melo Sampaio (Universidade Federal do Amazonas)

Etnia, legislação e desigualdade na Amazônia Colonial

O trabalho se propõe a analisar, de modo comparado, o Diretório Pombalino (1757) e a Carta Régia (1798), legislação indigenista produzida pela Coroa Portuguesa aplicada na Amazônia setecentista e que teve profundos impactos sobre as populações nativas. A questão central reside no fato de que tais ações da Coroa fundaram a possibilidade de uma igualdade formal, antes inexistente, que viabilizou, entretanto, formas de utilização compulsória da mão-de-obra indígena essenciais à reprodução da sociedade amazônica. Também pretende considerar o papel dos atores indígenas buscando iluminar as interações existentes entre políticas indigenistas e políticas indígenas na sociedade colonial amazônica.

Vânia Moreira Lousada (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Poder local e auto governo dos índios. Vila Nova de Benavente, capitania do Espírito Santo, 1795-1798

As reformas pombalinas da década de 1750 representam um marco importante para o entendimento da história dos índios, pois, dentre outras medidas, estas políticas mandaram elevar à condição de vilas e lugares muitos aldeamentos; e reconheceram a capacidade política e governativa dos índios, tornando-os aptos e preferidos para o exercício dos cargos políticos e militares de suas respectivas povoações. A comunicação visa refletir sobre a importância do poder local para os índios e sua agenda política e, para tanto, vale-se de um conflito de terras envolvendo “índios” e “portugueses” na vila de Benavente, na capitania do Espírito Santo, desenrolado entre 1795 e 1798, no contexto do impacto das reformas pombalinas na região.

Ângela Domingues Investigadora auxiliar com habilitação (IICT). Doutora em História da Expansão pela FCSH/UNL (1998). Investigadora associada do CHAM e do Núcleo de Investigação “Companhia das Índias” (UFF). Professora convidada da UAL. A sua investigação tem privilegiado a história das relações de poder entre portugueses e ameríndios no norte do Brasil durante o século XVIII, a história das viagens científicas e das demarcações de fronteiras geográficas na América portuguesa durante o mesmo período e as representações do Brasil na literatura de viagens europeia setecentista. É autora de Viagens de exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura (1991); Quando os índios eram vassalos. Colonização e relações de poder no Norte do Brasil da segunda metade do século XVIII (CNCDP, 1999); Brasil. Contactos, confrontos e encontros durante os primeiros anos da presença portuguesa no Novo Mundo/Portugal and Brazil: contacts, confronts and encounters during the first years of the Portuguese presence in the New World (INCM, 1999); When the Amerindians were Vassals. Colonization and Power Equations in Northern Brazil (1750-1800) (TransBooks, 2007); Monarcas, ministros e cientistas. Mecanismos de poder, governação e informação no Brasil colonial (CHAM, 2012).

Carlos Almeida Doutor em Antropologia-Etnologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com uma tese sobre o discurso etnográfico na literatura missionária sobre o Kongo e a região mbundu (sécs. XVI-XVIII), trabalha sobre temas relacionados com a História de Angola (sécs. XV-XVIII), a formação do discurso etnográfico e a imagem de África e dos africanos na cultura europeia

Elisa Fruhauf Garcia Professora de História da América Colonial na Universidade Federal Fluminense desde 2009, onde obteve seu doutorado em 2007. Sua tese, As diversas formas de ser índio, foi premiada pelo Arquivo Nacional e publicada sob o mesmo título em 2009. É autora de artigos publicados em revistas e livros no Brasil e no exterior. Obteve financiamento em agências brasileiras e internacionais para o desenvolvimento de suas pesquisas sobre as populações indígenas na área de fronteira dos Impérios ibéricos. Atualmente está realizando um estágio pós-doutoral no Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), em Madri, com financiamento da CAPES.

Eugénia Rodrigues Doutora em História pela Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Instituto de Investigação Científica Tropical. Estuda história de Moçambique e do Índico, em particular, história agrária e social dos prazos do vale do Zambeze, género, representações interculturais e história do conhecimento. É autora de Portugueses e Africanos nos Rios de Sena: Os prazos da Coroa em Moçambique nos Séculos XVII e XVIII (Lisboa, 2013); co-autora de Ilha de Moçambique (Maputo, 2009) e de Medicina no império: Luís Vicente De Simoni e o Tratado Médico sobre o Clima e Enfermidades de Moçambique (Lisboa, no prelo).

Izabel Missagia de Mattos Doutora em Ciências Sociais (Área: Sociedades Indígenas) pela Universidade Estadual de Campinas (2002) e Mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998). É autora do livro Civilização e Revolta: os Botocudos e a catequese na Província de Minas (Ed. Edusc, Bauru: 2004, prêmio Edusc/Anpocs), e de diversos

artigos sobre este tema. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e desenvolve, com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, investigações sobre memória e história dos povos indígenas em Minas Gerais.

José da Silva Horta Professor Associado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL); investigador integrado e subdirector do Centro de História da Universidade Lisboa; director da Licenciatura em Estudos Africanos da FLUL. Entre outros trabalhos, é autor de: *A 'Guiné do Cabo Verde': Produção Textual e Representações (1578-1684)*, Fundação C. Gulbenkian e FCT, 2011, *The Forgotten Diaspora: Jewish Communities in West Africa and the Making of the Atlantic World*, Cambridge, Cambridge University Press, 2011, 2013 (com Peter Mark); *A Representação do Africano na Literatura de Viagens, do Senegal à Serra Leoa (1453-1508)*, Sep. de *Mare Liberum*, 2, 1991.

Juan Marchena Fernández: Doutorado em Filosofia e Letras, História de América pela Universidade de Sevilha, foi vice-reitor da Universidade de Sevilha, da Universidade Internacional de Andaluzia e da Universidade Pablo de Olavide. Actualmente é professor titular nessa Universidade e coordenador do Centro de Estudios Avanzados para América Latina Y el Caribe, bem como director dos programas de Doutoramento em História de América da UPO. Foi professor convidado em universidades em França, Alemanha, Reino Unido, Itália, Hungria, Portugal e Estados Unidos, e também no México (Veracruz, Michoacán, Mérida de Yucatán,) La Habana, Autónoma de Santo Domingo, Puerto Rico, Central de Venezuela (Caracas), Simón Bolívar, Mérida (Venezuela), Maracaibo, Cartagena, Barranquilla, Tunja, Pereira, Nacional de Colômbia, Pasto, Medellín, Popayán, Andina de Quito, Cuenca (Equador), Piura (Peru), Trujillo, Huamanga, Lima, Cuzco, Arequipa, Católica de Chile, Valdivia, La Paz (Bolívia), Potosí, Autónoma de Asunción (Paraguai), Jujuy (Argentina), Tucumán, Mendoza, San Juan, Buenos Aires, Curitiba (Brasil), Federal de Rondônia, São Paulo e Salvador de Bahia. É Doutor Honoris Causa pelas Universidades Andina Simón Bolívar (Quito), Autónoma Tomás Frías de Potosí, Universidad de Cartagena (Colômbia), Universidad Nacional de Catamarca (Argentina), Pinar del Río (Cuba) y Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

Juciene Apolinário é licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (1993), e mestre e doutora em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (1996). Pós-Doutoranda com Bolsa CAPES Estágio Sênior no Exterior no Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM), UNL Investigadora Correspondente do CHAM-UNL. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande - PB. Participou como pesquisadora de tratamento arquivístico e histórico do Projecto Resgate Barão do Rio Branco/MINC. É professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande - PB. Publicou livros individuais e em colectâneas. Tem desenvolvido investigação nos seguintes temas: História Indígena, História Ambiental, Escravidão Negra, e História da Educação, Património Cultural, Património Documental e Cultura e Identidade.

Maria Manuel Torrão Investigadora do Centro de História do IICT. Doutorada em História pela Universidade dos Açores, especializou-se em temáticas relacionadas com a História Atlântica, particularmente sobre as ilhas de Cabo Verde, tendo defendido uma tese sobre o tráfico de escravos entre as ilhas de Cabo Verde, a costa da Guiné e a América Espanhola. Membro, desde 1987, da equipa luso-cabo-verdeana que elaborou os vários volumes da História Geral de Cabo Verde tem, igualmente, integrado projectos interdisciplinares em curso no IICT ligados com a história da Comissão de Cartografia e com a evolução dos conhecimentos científicos, nomeadamente nas ilhas de Cabo Verde.

Maria Regina Celestino de Almeida Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em História Cultural (NUPEHC-UFF) e do CNPq. É professora do Programa de Pós-Graduação em História da UFF, pesquisadora do CNPq e autora dos livros *Metamorfozes Indígenas – identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro* (AHU, 2003; 2ª ed. FGV, 2012) e *Os Índios na História* (FGV, 2010).

Nayibe Gutierrez Montoya É licenciada em Arquitectura pela Universidad Pontificia Bolivariana de Medellín, e doutora em Historia de América Latina: Mundos indígenas pela Universidade Pablo de Olavide, em 2013. A sua experiência como investigadora está relacionada com diversos projectos vinculados ao estudo das estratégias de adaptação ao território, desenvolvimento e planeamento territorial em territórios indígenas e sitios arqueológicos, pre-hispânicos e coloniais, assim como na participação na construção de um Centro de Estudios Amazónicos, da (AECID), como observatório da problemática de fronteira (Brasil, Peru, Bolívia e Equador)

Patricia Sampaio de Melo Professora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), possui mestrado e doutorado em História (UFF/RJ) e Pós-Doutorado (UNICAMP). É Bolsista de Produtividade do CNPq e atua nas áreas de história indígena e do indigenismo, história colonial/imperial (Brasil e Amazônia) e história da escravidão africana na Amazônia.

Vânia Maria Losada Moreira Graduada em História pela Universidade de Brasília – UnB, doutora em História pela Universidade de São Paulo – USP, realizou estágio pós-doutoral na Stanford University, Estados Unidos. É Professora Associada III do Departamento de História e Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro –UFRRJ e do Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. Desde 1999, dedica-se à pesquisa sobre os índios e o indigenismo no Brasil, tema sobre o qual tem publicado artigos, orientado e debatido em diferentes fóruns de pesquisa e discussão. É Pesquisadora 2 do CNPq – Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia.